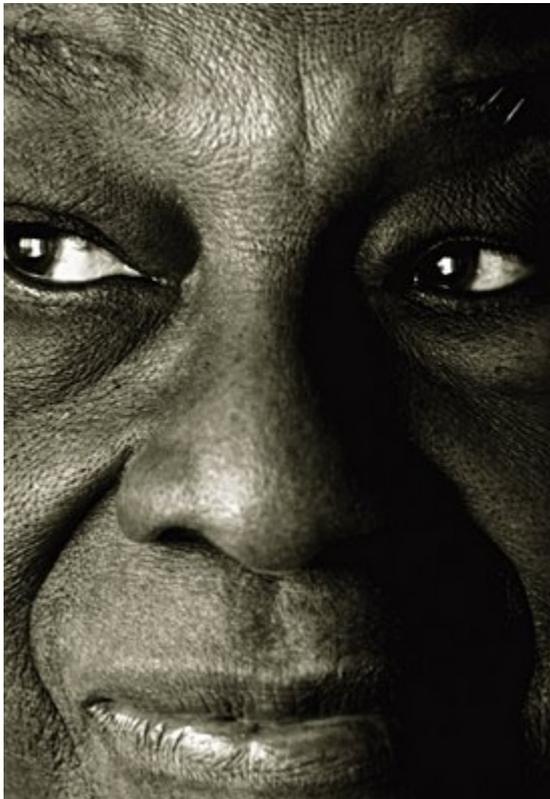


# ATITUDE FILOSÓFICA

## Agbára Dúdú<sup>1</sup>

Por Luis Carlos Ferreira dos Santos

Graduando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia  
E-mail: lcarlosfsantos@hotmail.com



Milton Santos (1926 / 2001)

Ergue Quilombos, aqui ali  
Em cada mente, em cada face  
Impávidos como Palmares, impávidos Ilês  
Em todos os lugares  
Meu sonho não faz silêncio  
Porque feito de lida  
Teimoso como esta cor  
Para sempre será desperto e certo  
Mais que vivo, é a própria vida.  
(LIMEIRA,  
José Carlos. **Meu Sonho Não Faz Silêncio**)

---

<sup>1</sup> Frase iorubana que no sentido literal significa: Força Preta. Mas, na língua portuguesa se pode dizer: Resistência Negra.

Para celebrar a consciência negra, o presente texto traz como reflexão a necessidade da **Resistência** através da militância e da produção acadêmica. O encontro dessas duas dinâmicas é a responsável pela re-construção da identidade dos afrodescendentes.

No Brasil, a conquista dos direitos civis pelos afrodescendentes necessitou e ainda necessita de muitas insurreições, organizações quilombolas e da resistência através do conhecimento, isto é, através da produção acadêmica. O encontro entre a luta e o conhecimento são as duas espadas da resistência negra.

A produção acadêmica e a militância serão apresentadas respectivamente, por duas personalidades negras, através do Geógrafo e Professor baiano Milton Santos e da educadora popular-militante baiana Laís Souza.

O objetivo é trabalhar com um aspecto do pensamento de Milton Santos, presente no livro *Por uma outra Globalização - do pensamento único à consciência universal* e, a partir da solução que Santos apresenta, promover o encontro deste pensamento com o trabalho feito pela educadora-militante no bairro de Santa Cruz, na cidade do Salvador.

Milton Santos (2006) apresenta uma dura crítica ao modo como o mundo foi globalizado. Essa globalização é vista por ele como uma fábula que somente tem por objetivo consagrar o pensamento único. Esta idéia estaria a ser propagada pela mídia que, segundo ele, está a serviço do “império do dinheiro” legitimando essa falsa idéia do discurso único.

Santos considera a existência de três mundos somente em um: o primeiro seria a globalização como uma fábula, o segundo a globalização como perversidade e por fim, uma outra globalização, que é o mundo como ele pode ser.

A globalização como fábula é entendida como uma uniformidade do espaço-tempo das pessoas no mundo. Esta idéia tenta empreender que tudo está ao alcance de todos. No entanto, para o autor, esta realidade é uma mentira, porque a verdade percebida na vida das pessoas são os diferentes modos de ser e estar no mundo, mas a globalização tenta, sem sucesso, esconder ou apagar.

Para camuflar as diferenças entre nações e mesmo dentro dos países, com o ensejo de tentar apagar as diferenças entre os povos, a política dos mercados globalizados desterritorializa as nações, os povos. Somente com a fragmentação se faz possível esta globalização atual, formando centros e periferias.

As periferias perdem seus territórios, se tornam desterritorializadas, porque se desprendem da sua cultura e adota uma nova cultura determinada pelo pensamento único.

A globalização é percebida pela grande parte da humanidade como uma perversidade. Isso é obvio, porque a maioria da população em todo mundo vive em condições socioeconômicas vulneráveis. De acordo com Santos:

O que estamos vivendo hoje é que o homem deixou de ser o centro do mundo. O centro do mundo hoje é o dinheiro em estado puro. O

dinheiro em estado puro só é o ser do mundo por causa dessa geopolítica que se instalou proposta pelos economistas e imposta pela mídia. (Encontro com Milton Santos ou O mundo Global Visto do Lado de Cá, 2007).

A globalização perversa é explicada pela arquitetura de fatores que contribuem para este modelo vigente: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história representado pela mais-valia globalizada.

O termo “unicidade da técnica” é utilizado para discutir os sistemas que dirigem ou dão a interpretação para a estrutura dos sistemas econômicos e sociais da sociedade. Na época globalizada a técnica atual é marcada pela chegada da informação. A informática, a cibernética talvez sejam os maiores exemplos.

O pensamento único vai permitir que as diversas técnicas presentes no mundo se comuniquem entre si e façam uma convergência dos momentos, assim, as pessoas em todo o mundo realizam suas ações ao mesmo tempo.

Com a globalização perversa é possível conhecer de maneira instantânea o movimento do outro. Santos chama esse fenômeno de unicidade do tempo ou convergência dos momentos. Desse modo, se sustenta a mais-valia universal, porque o planeta está informado e as ações uniformes no mundo. A mais-valia dita universal é conhecida como o motor único, que são representadas pelas empresas multinacionais, por exemplo.

Para o planeta está informado se faz necessário a cognoscibilidade deste, isto é, conhecer a terra de maneira mais aprofundada, e esta época possibilita ao ser humano conhecer a terra de maneira extensa. Conhecer o mundo é uma das questões centrais do sistema político e econômico atual. A conclusão a que se chega é que o sistema de globalização tem por ideal conhecer para dominar ou desterritorializar para globalizar. Entretanto, com toda a problemática apresentada acerca da globalização, segundo Santos, é possível uma outra globalização, a de todos, e esta seria humana.

A outra globalização, conquistada a partir de uma consciência universal, vai ser concretizada a partir do momento em que a população aglomerada (pobre) reconstruir as bases da sociedade. De acordo com Milton Santos:

Uma coisa parece certa: as mudanças a serem introduzidas, no sentido de alcançarem uma outra globalização, não virão do centro do sistema, como em outras fases de ruptura na marcha do capitalismo. As mudanças sairão dos países subdesenvolvidos. (Santos, 2006, p.153 e 154).

A transformação no sistema político em escala mundial sofrerá mudanças numa perspectiva de baixo para cima. A perspectiva é que os países subdesenvolvidos, os pobres, o pensamento livre, transformem a sociedade e apresentem uma outra globalização cujo centro do mundo é o homem.

Enrique Dussel no seu livro *Ética da Libertação – na idade da globalização e da exclusão*, nos oferece as bases filosóficas para a compreensão de um sistema mundo<sup>2</sup> dividido entre o “ser” e o “não-ser”. E, no entanto, seria o não-ser do sistema mundo que faria a mudança político-social do mundo. Assim, como Milton Santos nos apresenta como proposta de uma nova ordem mundial efetivada pelos povos ditos periféricos.

Para Dussel (2007) a África, a Ásia, a América Latina e a Europa oriental seriam as responsáveis pela mudança de paradigma da sociedade globalizada, que paradoxalmente exclui o outro. Porque o sistema de mundo eurocêntrico constrói seu pensamento no princípio de identidade em que, o que não se identifica com o “eu” Europeu está na categoria do “não-ser”, desse modo, se construiu o centro – Europa e Estados Unidos da América, com suas periferias – África, Ásia e América Latina, Europa oriental.

A libertação de todos, segundo Dussel, somente acontecerá a partir da crítica dos povos vitimados pelo sistema que lhes exclui. Através de uma posição ético crítica do modelo político, a vítima (negro, mulher, índio, pobre, países subdesenvolvidos) faz a mudança histórica. De acordo com Enrique Dussel:

[...] o princípio-libertação enuncia o dever-ser que obriga eticamente a realizar a dita transformação, exigência que é cumprida pela própria comunidade de vítimas, sob sua re-sponsabilidade, e que origina, prático-materialmente, como normatividade a partir da existência de um certo poder ou capacidade (o ser) na dita vítima. Porque há vítimas com uma certa capacidade de transformação, pode-se e deve-se lutar para negar a negação anti-humana da dor das vítimas, intolerável para uma consciência ético-crítica. (DUSSEL, 2007, p. 559).

A outra globalização sugerida por Milton Santos, somente será alcançada a partir da tomada de uma consciência universal, entretanto os que estão excluídos do lucro do mercado globalizado seriam os responsáveis pela mudança histórica.

A transformação somente acontece quando as vítimas começam a ter voz e podem gritar. Para isso, é necessário a conscientização, e o encontro entre a militância e a academia se torna desse jeito imprescindível.

A crítica de Milton Santos a globalização e a sua possível mudança servem como núcleo duro deste texto para apresentar um novo modelo social-político e econômico da sociedade brasileira. Pois Santos não apresenta de maneira direta os afrodescendentes como os sujeitos da mudança em seu território<sup>3</sup>, entretanto, o intuito do texto é afirmar que a mudança histórica em território brasileiro vem acontecendo com luta e resistência da população afrodescendente.

---

<sup>2</sup> Termo apresentado por Enrique Dussel. O sistema mundo é dividido em Centro: Europa Ocidental (hoje EUA e Japão; de 1945 -1989 com a URSS). Periferia: América Latina, África Bantu, mundo muçulmano, Índia, Sudeste Asiático, Europa Oriental.

<sup>3</sup> Vale ressaltar que a crítica que Milton Santos apresenta no livro *Por uma Outra Globalização* do pensamento único à consciência universal, é numa ordem mundial e o presente texto discute a relação de mudança do paradigma social estritamente no Brasil.

O povo afrodescendente sempre esteve à frente na luta por direitos civis no Brasil. A resistência negra em solo brasileiro lutou e ainda luta contra o sistema de exploração da população da diáspora africana. Os exemplos são os quilombos, as revoltas dos malês, dos alfaiates, a guerra da Balaiada, a resistência a partir das religiões de matriz africana. Como afirma Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes:

As reações coletivas são as que mais se destacaram na repulsa à escravidão no Brasil. Durante toda a existência do regime escravista, os escravizados lutaram, organizando-se de diferentes modos, com os quilombos, as insurreições, as guerrilhas, as insurreições urbanas, entre outros. Podemos dizer que a escravidão sempre foi acompanhada de um forte movimento de resistência e várias revoltas tiveram a presença negra como personagem central, na luta pelo fim deste regime desumano cruel. (MUNANGA e GOMES. 2006 p. 98).

Hoje no bairro popular da cidade do Salvador, em Santa Cruz, essas lutas são reinventadas, tendo por inspiração as experiências passadas, nas figuras dos (a) educadores populares, Laís Souza e Henrique Miranda. A militância dessas duas pessoas é realizada nas escolas do próprio bairro e o projeto realizado por eles se chama “Arte, Canto a Canto”.

O objetivo do projeto é levar a arte através do teatro para crianças de seis a doze anos de idade. Laís Souza (coordenadora geral) e Henrique Miranda (vice) escreveram o projeto e foram trabalhar teatro no colégio com o intuito de assim realizarem a construção política dentro do seu próprio território. As temáticas trabalhadas giram em torno das discussões acerca da família, o resgate da relação de amizade, a construção da identidade e auto-estima das crianças.

No primeiro ano do projeto foram alcançados quinhentos e oitenta e cinco crianças no total, com isso são quinhentos e oitenta e cinco crianças construindo a sua consciência por meio do teatro-arte-educação. As oficinas são realizadas nas escolas públicas do próprio bairro, as crianças apresentam peças e, os idealizadores do projeto produzem os próprios figurinos que são utilizados no desenvolvimento das atividades. Vale ressaltar que esta atividade não recebe apoio financeiro de nenhum grupo político.

Restaurar a auto estima é o caminho central para a mudança histórica. A conscientização é o núcleo duro para a virada de paradigma na sociedade. A consciência dos estudantes afrodescendentes é o nervo central, porque esta parte da população é, em sua maioria, desassistida da esfera pública e, conseqüentemente, das esferas de poder. Desse modo, com o resgate da sua identidade, das suas raízes, a conscientização se faz aparecer e a auto-estima dos educandos aparece como uma arma contra o sistema opressor, porque será a “periferia”, representada pela força negra, que transformará a população brasileira. Essa força pode ser representada pelo Hip Hop, o funk, a capoeira, a arte do grafite, pela mulher negra.

Os quilombos aparecem atualizados de outras formas hoje na sociedade brasileira, essa é a dinâmica responsável pela mudança deste território. Pode-se

usar como exemplo o implemento das cotas nas universidades públicas brasileiras, protagonizada pelo movimento negro.

A população afrodescendente sempre se comportou de maneira ativa frente às adversidades encontradas em sua trajetória: escravidão, negação da sua identidade imposta pelo sistema político e social do país, racismo, racismo institucional. Entretanto, por todo território brasileiro a resistência negra se rebela diante da violência imposta sobre o seu corpo e o seu espírito.

A militância dos jovens no bairro de Santa Cruz evidencia o **Agbára Dúdu** na atualidade brasileira, pois é a resistência e a luta que determinam a população descendente dos povos africanos no Brasil. Esta nunca foi resignada, sempre reinventou novas formas para atualizar seu modo de ser e estar em seu território.

Para além da conscientização dos valores africanos e afrodescendentes, a consciência negra é responsável também pelas manifestações de revolta contra o sistema desumano o qual a população brasileira está submetida. A mudança histórica da sociedade se construirá de baixo para cima. É a partir das vítimas, dos oprimidos – racializando, a partir da consciência dos afrobrasileiros – que se alcançará a garantia e o direito pelas diferenças.

A marca do projeto “Arte, canto a canto”, diz muito através da sua imagem a respeito da reflexão apresentada por Milton Santos e por Enrique Dussel acerca da mudança histórica através dos povos que não estão no centro do sistema, pois os seus idealizadores desenharam os prédios, que representa a Pituba (bairro dito nobre da cidade do Salvador) e casas populares (que seriam representadas pelos bairros de Santa Cruz, Nova República e Nordeste). A arte está em todo canto, na parte dita nobre da cidade e aqui na área popular. Entretanto, é a expressão artística popular que pode vim trazer a mudança radical da sociedade. Segundo Milton Santos:

Mas há também – e felizmente – a possibilidade, cada vez mais frequente, de uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, quando, por exemplo, ela se difunde mediante o uso dos instrumentos que a origem são próprios da cultura de massa. Nesse caso, a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos de “baixo”, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias. (SANTOS, Milton, 2006, P.144.).



É necessário compreender que a resistência negra, hoje, dialoga entre a produção acadêmica e a militância. Este encontro é o que possibilita a população afrodescendente lutar e resistir. Esta comunicação é necessária para aumentar os bancos das universidades e dos espaços de poder da sociedade, porque, somente com a consciência negra, a auto-estima, luta e resistência que os afrodescendentes transformaram e continuarão a transformar a realidade do país.

A comunicação entre a produção acadêmica e a militância representam a resistência político-cultural dos afrodescendentes no Brasil. E esta força cresce no espírito de **Nós Negros** a partir do momento em que nos conscientizamos e nos encantamos enquanto pertencentes a uma tradição histórica-étnica-cultural. O diálogo entre o jovem negro militante dos bairros populares e a produção acadêmica é indispensável.

Viva Zumbi que vive em cada um de nós! A força deste guerreiro reinventada hoje em outros movimentos, como nos estilos musicais da juventude negra, o rap, o funk, na militância de Souza e Miranda no bairro da Santa Cruz, agem na busca do mesmo objetivo: libertar o povo marcado pela diáspora africana do poder do dominador.

O poder do dominador (branco, homem, heterossexual) é legitimado pelo pensamento único e as coisas vão mudar a partir de uma conscientização e isto acontece no momento da sua territorialização, ou seja, a consciência de ser pertencente a uma tradição histórica-étnica-cultural, a partir da consciência da **Agbára Dúdú**.

## REFERÊNCIAS:

DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação na idade da globalização e da exclusão**, trad. Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen, Lúcia M.E. Orth. 3º Edição, Petrópolis, Rj: Vozes, 2007.

LIMEIRA, José Carlos. **Meu Sonho não faz Silêncio**. Disponível em:

<http://brazilianmusic.com/aabc/literature/palmares/limeira.html>. Acesso em: 25/07/2009

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. (Orgs.). **O Negro no Brasil de Hoje**. São Paulo: Global, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 13ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 2006.

**Encontro com Milton Santos ou O mundo Global Visto do Lado de Cá**. Direção: Sílvio Tandler. Produção: Caíque Botkay e Bernardo Pimenta. Roteiro: Cláudio Bojunga, Sílvio Tandler, André Alvarenga, Daniel Tandler, Ecatherina Brasileiro e Miguel Lindenberg. Brasil, 2007. 1 DVD (89 min).